

Macabéa

Revista Eletrônica do Netli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA LINGUÍSTICA¹



CONSTRUCTIONAL APPROACH TO LINGUISTIC CHANGE

MARIA ANGÉLICA FURTADO DA CUNHA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE,
Brasil

EDVALDO BALDUÍNO BISPO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE,
Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 30/04/2019 • APROVADO EM 31/05/2019

Abstract

This article addresses linguistic change from the perspective of Construction Grammar. This framework, which joins a variety of strands, claims that the basic unit of language is the construction, understood as a symbolic conventionalized pair of form and meaning. According to this approach, constructions are related to each other by different links, forming a network of nodes. While the first constructional researches were interested in

synchronic analyses, some work took a diachronic bias, with special interest on linguistic change. In this vein, here we characterize some branches of this framework, and, in particular, how it understands the way natural languages change. Based on Traugott and Trousdale (2013), we highlight constructional change and constructionalization, illustrating these two processes with three phenomena of Brazilian Portuguese.



Resumo

Tratamos, neste artigo, da mudança linguística sob a perspectiva da Gramática de Construções. Esse enquadre teórico, que abriga uma variedade de vertentes, sustenta que a unidade básica da língua é a construção, entendida como um pareamento simbólico convencionalizado de forma e conteúdo. Para esse modelo, as construções estão relacionadas entre si por meio de diversos *links*, compondo uma rede interconectada de nós. Embora as primeiras pesquisas construcionistas tenham-se voltado à investigação de viés sincrônico, alguns estudos dessa abordagem enveredaram pela perspectiva diacrônica, com interesse especial na mudança linguística. Nessa direção, contemplamos aqui a caracterização de algumas vertentes desse enquadre teórico e, em particular, como ele compreende a mudança a que estão sujeitas as línguas naturais. Destacamos, com base em Traugott e Trousdale (2013), a mudança construcional e a construcionalização, ilustrando com três fenômenos do português brasileiro esses dois tipos de mudança linguística.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Linguistic change. Construction grammar. Constructional change. Constructionalization.

PALAVRAS CHAVE: Mudança linguística. Gramática de construções. Mudança construcional. Construcionalização.

Texto integral

INTRODUÇÃO

O processo de mudança linguística tem sido investigado sob a perspectiva de diferentes enquadres teóricos, desde os estudos histórico-comparatistas do século XIX à abordagem mais recente de viés construcionista. O reconhecimento de que a gramática das línguas é dinâmica, plástica e adaptativa (HOPPER, 1987) subjaz ao interesse em examinar a mudança como um processo que envolve um conjunto de itens que se articulam e interagem/coatuam de algum modo, em atendimento a pressões de natureza cognitiva e comunicativa que surgem no uso interativo da língua.

Uma orientação atual de tratamento do processo de mudança linguística é representada pelo enquadre teórico da Gramática de Construções (doravante GC),

tal como formulada por Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Hilpert (2013) e Traugott e Trousdale (2013), entre outros. Este texto tem por objetivo caracterizar a abordagem construcional da mudança linguística, focalizando os pressupostos e conceitos fundamentais desse modelo. Algumas das questões que nos interessam discutir dizem respeito a diferentes modelos de GC, ao conceito de construção e suas propriedades, à arquitetura da rede construcional e à mudança linguística. Nessa direção, inicialmente historiamos, brevemente, o surgimento da GC e referimos os trabalhos seminais. Em seguida, descrevemos algumas vertentes desse modelo teórico e os princípios que elas compartilham. Após isso, focalizamos a organização hierárquica da língua, identificando as propriedades das construções bem como a arquitetura da rede hierárquica e o tratamento da mudança linguística. Finalizamos com a exposição de pesquisas que aplicam o aparato teórico-metodológico da GC a fenômenos do português do Brasil (PB).

BREVE HISTÓRICO

A origem da GC é tradicionalmente associada à publicação de artigo cujo objeto de estudo foram os idiomatismos (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988). Nesse texto, os autores sustentam que construções complexas compartilham propriedades semânticas e pragmáticas com os itens lexicais.

Antes dessa publicação, porém, pelo menos dois textos já prenunciavam a aplicação da abordagem construcional a fenômenos linguísticos idiossincráticos: *The kind of/ sort of construction* (KAY, 1984) e *Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction* (FILLMORE, 1985). Nesses trabalhos, ambos os linguistas já utilizam a expressão “construção gramatical”, a qual concebem como um todo que agrega informações de diferentes níveis: lexical, sintático, semântico e pragmático. Fillmore chega a sugerir que um tratamento construcional dá conta não só de casos que se situam na periferia da gramática como também de usos mais nucleares.

Os idiomatismos, conforme destaca Diessel (2015), desempenharam um papel central no desenvolvimento da gramática de construções. Em graus variados, as expressões idiomáticas compartilham semelhanças com padrões gramaticais regulares. Desse modo, essas expressões se distribuem num *continuum* que abrange desde estruturas completamente idiossincráticas a estruturas que exibem propriedades semântico-sintáticas similares a outros padrões gramaticais. Significa que, nessa perspectiva, não há divisão rígida entre os idiomatismos, a exemplo de *boca de siri*, e tipos oracionais produtivos, como a construção transitiva SVO.

Embora tenham introduzido o conceito de construção, Kay (1984) e Fillmore (1985) não chegaram a formular um modelo teórico que tomasse a construção como unidade básica de análise linguística. Mesmo no artigo de 1988, Fillmore, Kay e O'Connor, conquanto tenham aprofundado o estudo das construções, não desenvolveram o arcabouço da gramática de construções. Um passo adiante foi dado com o artigo *The mechanisms of “Construction Grammar”* (FILLMORE, 1988),

em que o autor, além de cunhar o termo “gramática de construções”, manifesta o interesse em estabelecer os mecanismos de funcionamento desse novo modelo teórico².

Na década seguinte, coube à Goldberg, orientanda de Lakoff, em Berkeley, formalizar um modelo de gramática de construções aplicado à investigação de estruturas argumentais. Sua tese de doutoramento, publicada em 1995 sob o título *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*, reúne fundamentos de um dos modelos mais conhecidos dessa vertente teórica, como as relações entre construções e diferentes tipos de *links* de herança, e analisa alguns tipos de estrutura argumental do inglês sob o viés construcionista.

Cabe destacar que os textos pioneiros nessa linha de investigação não lidavam com dados reais de língua em uso, circunscrevendo suas análises a exemplos criados *ad hoc*, a exemplo de Fillmore e Kay (1999), Sag (2012) e Michaelis (2013). De lá para cá, têm sido publicados muitos trabalhos que adotam esse paradigma teórico na análise de fenômenos em diversas línguas e sob variados vieses construcionistas, alguns dos quais baseados no uso, como Croft (2001), Bybee (2010) e Goldberg (2006). Na seção seguinte, descrevemos algumas vertentes da abordagem construcional.

MODELOS DE ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

O paradigma construcional reúne um conjunto de abordagens que têm como ponto de interseção o conceito de construção e a concepção de língua como uma rede de signos inter-relacionados.

Em qualquer dessas abordagens, a construção é definida como um pareamento simbólico e convencional de forma-função³ (LANGACKER, 1987; CROFT, 2005). É simbólico porque é um signo, uma associação tipicamente arbitrária de forma e função, e é convencional na medida em que é compartilhada por uma comunidade linguística⁴.

Diessel (2015) aponta dois princípios gerais para a análise linguística numa abordagem construcional. Um deles é que a estrutura linguística pode ser analisada como signos complexos, ou seja, como construções, que associam um padrão estrutural específico a uma função ou significado particular. O outro é que todos os signos linguísticos, lexicais e gramaticais, são conectados entre si por meio de vários *links*, de modo que a gramática – e a língua em geral – pode ser vista como uma rede dinâmica de signos inter-relacionados.

Apesar de existirem diferenças entre as várias abordagens construcionais, Goldberg (2013, p. 15) aponta quatro princípios comuns a todas essas abordagens e um compartilhado pela maioria delas. São eles:

(i) a unidade básica da gramática é a construção, tomada como pareamento convencional entre forma e função;

- (ii) a estrutura semântica é mapeada diretamente na forma de superfície, sem envolvimento de componente derivacional;
- (iii) as construções estão interconectadas numa rede cujos nós são relacionados por *links* de herança;
- (iv) as línguas variam em diferentes aspectos; generalizações e variação (trans)linguísticas podem ser explicadas em termos de processos cognitivos de domínio geral e de funções de construções específicas;
- (v) a estrutura linguística é moldada pelo uso da língua.

Traugott e Trousdale (2013) acrescentam que todas as abordagens construcionais veem a gramática de forma “holística”, entendendo que nenhum nível é autônomo ou “central”; ao contrário, fonologia, morfossintaxe, semântica e pragmática atuam conjuntamente na construção. Essa atuação conjunta é capturada no modelo apresentado por Croft (2001) de representação da construção, o qual compreende duas dimensões: a da forma e a do significado (função), estando as duas interligadas por elo de correspondência simbólica. O autor atribui ao polo da forma as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas e ao polo da função as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas.

Outro ponto que deve ser destacado é o fato de que, em todos os modelos da GC, não há distinção rígida entre léxico e gramática, ou seja, entre construções lexicais e construções gramaticais. Desse modo, léxico e gramática são vistos como pontos extremos de um *continuum*.

Quanto aos modelos de abordagem construcional, descrevemos brevemente os seguintes: Gramática de Construções de Berkeley, Gramática de Construções Baseada no Signo, Gramática de Construções Cognitiva, Gramática de Construções Radical e a Gramática Cognitiva.

A Gramática de Construções de Berkeley, desenvolvida por Fillmore e colegas, teve sua base estabelecida no trabalho do autor sobre gramática de casos (FILLMORE, 1968) e semântica de *frames*. Focalizando inicialmente expressões idiomáticas, do tipo *let alone/ muito menos* (FILLMORE, 1988) e *What's this fly doing in my soup?/ O que esta mosca está fazendo em minha sopa?* (KAY; FILLMORE, 1999), os linguistas envolvidos nessa investigação também discutiram questões padrão da sintaxe e da linguística cognitiva, tais como estruturas de núcleo, deslocamentos à esquerda, ponto de referência, direção e magnitude e outras construções mais gerais (FILLMORE; KAY, 1997), mostrando como “as mesmas ferramentas analíticas explicam tanto as estruturas mais básicas como os casos **especiais**” (FILLMORE, 2013, negrito no original). Trata-se de um modelo altamente formal.

Um desenvolvimento recente da Gramática de Construções de Berkeley é a Gramática de Construções Baseada no Signo (GCBS), como em Boas e Sag (2012). O principal objetivo da GCBS é oferecer um modelo formal por meio do qual pesquisadores tipológicos possam desenvolver hipóteses testáveis e obter

consenso entre gramáticos construcionalistas que buscam identificar propriedades universais das línguas, incluindo recursividade (SAG; BOAS; KAY, 2012). Há também um forte compromisso com a realidade psicológica (SAG, 2012). Isso significa que “as propostas linguísticas são motivadas e avaliadas em termos do grau de compatibilidade com modelos de uso da língua (produção e compreensão, por exemplo), aprendizagem da língua e mudança linguística” (SAG; BOAS; KAY, 2012, p. 14, citando CROFT, 2000, 2001; TOMASELLO, 2003; GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2000, 2009). A suposição básica é que a língua é um sistema baseado no signo (ver SAUSSURE, 1970 [1916]). Enquanto o signo saussureano é uma combinação de forma e significado apenas, o signo, na GCBS, incorpora “pelo menos, estrutura fonológica, forma (morfológica), categoria sintática, semântica e fatores contextuais, incluindo estrutura da informação” (SAG, 2012, p. 71).

A Gramática de Construções Cognitiva, assim denominada por Croft e Cruse (2004), foi desenvolvida por Lakoff (1987) e Goldberg (1995, 2006). Goldberg focou as construções de estrutura argumental, a exemplo da construção ditransitiva (*I gave/baked John a cake*), com o objetivo de demonstrar atributos comuns entre predicados em construções específicas, defendendo que as construções são padrões que existem independentemente dos predicados lexicais que as instanciam. Desse modo, um verbo como *bake/assar* não implica um evento de transferência, com seleção de três argumentos, mas, ao ser sancionado pela construção ditransitiva (*I baked John a cake*), passa a ter comportamento morfossintático de um verbo triargumental e semântica de transferência.

Uma característica central do modelo de Goldberg (2003, 2006) é que as construções variam em níveis de complexidade e de abstração, de orações complexas a afixos flexionais. As representações nesse modelo envolvem pelo menos dois níveis: o semântico (SEM) e o sintático (SIN), como na construção transitiva S V OD, cuja semântica implica *X age sobre Y*, a exemplo de *O garoto chutou a bola*. Pode também envolver a dimensão pragmática, que tem a ver, entre outras coisas, com a relação entre a ordenação dos elementos na oração e seu estatuto informacional.

Desenvolvida por Croft (2001), a Gramática de Construções Radical está interessada na relação entre descrição gramatical e tipologia linguística. Nesse modelo, as construções são específicas à língua e as categorias são definidas especificamente à língua em termos das construções em que elas ocorrem. Assim, por exemplo, “verbo intransitivo” (V_{INTR}) é uma categoria na construção intransitiva no inglês e no português, mas não na gramática universal. Classes de palavras como “nome” e “verbo” devem ser entendidas em relação a construções que expressam atos proposicionais (expressões referenciais, construções de predicação, construções atributivas/modificadoras (CROFT, 2013)). O modelo de Croft enfatiza a natureza taxonômica do conhecimento construcional, a relação de herança hierárquica entre construções mais gerais e mais específicas e a importância do uso da língua na determinação dos aspectos da estrutura linguística.

A Gramática Cognitiva constitui o modelo desenvolvido por Langacker (1987, 1991, 2005), o qual rejeita a noção de um componente sintático e conceitualiza o signo como uma ligação entre estrutura semântica (S) e fonologia (P). Nesse

aspecto, sua abordagem distingue-se significativamente das de Fillmore, Croft e Goldberg. Fundamental à proposta de Langacker é a habilidade do usuário da língua para interpretar/conceitualizar (*construe*) a mesma situação de modos alternativos. Conceitualização (*construal*) envolve perspectiva, especificamente ponto de vista e direção do escaneamento mental. Coteje-se, por exemplo, *Venha aqui para a varanda* vs *Vá lá para a varanda*. Também envolve grau de especificidade (ou de esquematicidade), ou seja, o nível de precisão e detalhe em que uma situação é caracterizada (LANGACKER, 2009), conforme se dá em *Venha aqui em cima para a varanda*.

ORGANIZAÇÃO HIERÁRQUICA DA LÍNGUA

Na linguística cognitiva, particularmente na abordagem construcional, a língua, assim como outros sistemas cognitivos, é concebida como uma rede de nós ligados por elos e as associações entre alguns desses nós tomam a forma de hierarquias de herança (LANGACKER, 1987).

Nessa direção, a língua está fundamentada em processos cognitivos gerais, ou seja, processos que não são exclusivos da língua, mas se manifestam também em outros aspectos da cognição, como a visão, a atenção, o pensamento abstrato e habilidades musicais, entre outros. Para a linguística cognitiva, esses domínios cognitivos também estão estruturados como uma rede. Essa também é a postura adotada por Bybee (2016), para quem a organização linguística advém de processos cognitivos de domínio geral, como nossa capacidade de categorizar, estabelecer relações, armazenar e automatizar informações, agrupar unidades simples em expressões complexas e operar em níveis locais e globais. Logo, a estruturação da língua não é intrinsecamente diferente da organização de outros aspectos da cognição.

A ideia de rede reflete o fato de que a língua é um sistema de entidades interconectadas em seus diferentes planos por relações de natureza diversa, o que ecoa, de certo modo, a caracterização saussureana de língua como um sistema de termos interdependentes⁵.

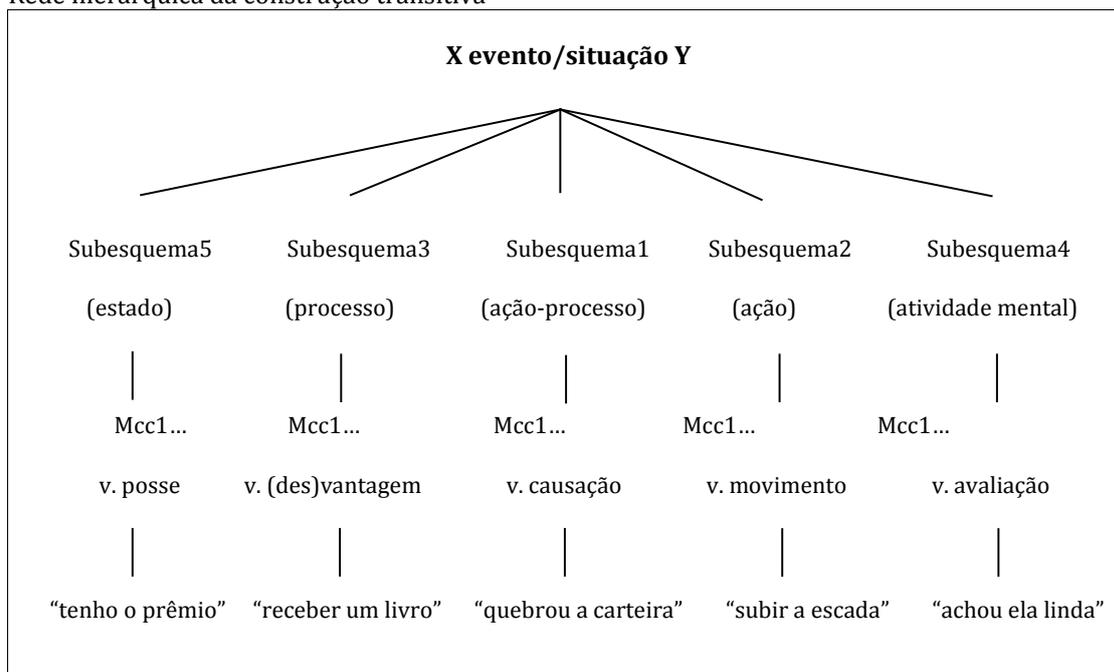
A metáfora de rede está presente em todas as versões da gramática de construções. Assim, Goldberg (2003, p. 219) sustenta que “a totalidade do nosso conhecimento da língua é apreendida por uma rede de construções”, ao passo que Croft (2007, p. 463) identifica dois princípios fundamentais da gramática de construções: (i) um pareamento de forma e função complexo; (ii) a associação desses pareamentos em uma rede. A concepção de estrutura linguística como uma rede é consistente com estudos em psicologia cognitiva, a qual trata outros aspectos do conhecimento, por exemplo, a memória de longo termo (REISBERG, 1997), como sendo organizados em uma rede.

Algumas noções são cruciais para a ideia de rede, como os conceitos de nós e de elos entre eles, a distância entre membros de uma família, os feixes de propriedades que caracterizam cada construção, assim como graus de fusão entre forma e conteúdo e a acessibilidade de uma construção. Na medida em que a língua

é entendida como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura plástica, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que emergem, em virtude de necessidades cognitivas e/ou comunicativas (GIVÓN, 2001; BYBEE, 2016), essa rede é dinâmica, no sentido de que novos elos e novos nós são estabelecidos continuamente. Desse modo, a língua como um todo é uma rede, em contraste com a visão mais tradicional de língua como um léxico e uma gramática.

De acordo com Hilpert (2014), o modelo de dicionário e gramática é compartilhado tanto entre leigos quanto entre linguistas. Segundo esse modelo, o conhecimento do vocabulário de uma língua é ordenadamente separado do conhecimento das regras gramaticais. Essa ideia vai de encontro à concepção da gramática de construções, que afirma que todo o conhecimento do falante a respeito da língua, ou seja, tudo o que ele sabe sobre palavras, padrões sintáticos, prefixos e sufixos, idiomatismos etc., deve ser reformulado como conhecimento de construções. Nesse sentido, as construções que o falante conhece estão em associação direta com suas propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas, bem como com seus significados convencionalizados, suas variantes possíveis e os contextos sociais em que são provavelmente usadas e ouvidas. Em suma, o conhecimento de uma construção corresponde à soma total da experiência do falante com essa construção. Essa posição converge com a de Langacker (2008), para quem a língua deve ser interpretada como um inventário estruturado de unidades convencionalizadas e organizadas em redes.

No que se refere à arquitetura da rede construcional, ela é organizada de forma hierárquica, visto que as propriedades de construções de nível mais baixo são previsíveis a partir de construções mais gerais. Na formulação de Traugott e Trousdale (2013), a rede compreende quatro níveis: esquema, subesquema, microconstrução e construto. O esquema possui uma natureza altamente abstrata, abrangendo as construções mais genéricas da rede, estruturas complexas com diversas possibilidades de preenchimento das suas posições (*slots*). Os subesquemas, por sua vez, envolvem o conjunto de similaridades que é observável entre construções individuais diversas. As microconstruções compreendem as construções individuais propriamente ditas, que já se encontram convencionalizadas e produtivas na língua. Por fim, os construtos consistem em ocorrências atestadas empiricamente, caracterizando-se como sendo o *locus* da mudança. Nesse sentido, estão relacionados à frequência *token*, a qual diz respeito ao número de ocorrências de determinada construção (BYBEE, 2011). O nível do esquema, do(s) subesquema(s) e da(s) microconstrução(ões) relaciona-se à frequência *type*, a qual, segundo Bybee (2011), tem a ver com o número de expressões possíveis para uma determinada categoria. A seguir, uma ilustração da configuração hierárquica da construção transitiva em português. A um sentido mais central, prototípico (ação de um agente animado e intencional sobre um paciente afetado) se ligam, por *links* relacionais, significados mais afastados, de modo gradiente, como no caso dos subesquemas 2 e 3 (com verbos de ação e de processo, respectivamente) e dos subesquemas 4 e 5 (com verbos de avaliação e de posse, nessa ordem).



A fim de sistematizar um modelo que dê conta do tratamento da mudança linguística com base na noção de rede construcional, Traugott e Trousdale (2013) elencam três propriedades da construção que estão envolvidas em vários estágios do processo de mudança. São elas: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade é uma propriedade de categorização que envolve abstração. Nesse sentido, esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções percebidas pelos usuários da língua como estreitamente relacionadas na rede construcional. Segundo Bybee (2016), a esquematicidade envolve posições e o preenchimento delas por uma variedade de palavras e sintagmas. A noção de esquematicidade está, segundo os autores, intrinsecamente relacionada à noção de rede construcional, uma vez que as mudanças linguísticas são interligadas e as construções da língua estão relacionadas com base no estabelecimento de redes taxonômicas hierarquicamente organizadas. A construção transitiva, por exemplo, apresenta alto grau de esquematicidade, na medida em que nenhuma de suas posições (*slots*) é especificada lexicalmente, apenas em termos de suas categorias: S V O.

Quanto à produtividade de uma construção, ela diz respeito ao grau em que o esquema sanciona outras construções mais especificadas. Em outras palavras, uma construção é considerada produtiva ou não na língua em decorrência do grau de extensibilidade ou de restrição do(s) (sub)esquema(s) a que está vinculada. Desse modo, a noção de produtividade está intimamente relacionada à noção de (sub)esquema, visto que um (sub)esquema é considerado altamente produtivo quando sanciona um número considerável de padrões microconstrucionais. A produtividade se relaciona à frequência (BYBEE, 2003): como dito antes, a frequência de uma dada construção se equipara à frequência de tipo (*type*), isto é,

o número de diferentes expressões que um padrão particular tem, enquanto a frequência do construto equivale à frequência de ocorrência (*token*), ou seja, o número de vezes em que a mesma unidade ocorre no texto. Nesse sentido, a frequência *type* está relacionada ao fenômeno que Himmelmann (2004) denomina expansão da classe hospedeira (*host-class expansion*), dado que as construções, por possuírem natureza relacional e (relativamente) esquemática, podem, ao longo do tempo, ser empregadas em diferentes colocações. Retomando a construção transitiva, podemos dizer que ela é produtiva, tanto em termos de *type* quanto de *token*: licencia pelo menos cinco subesquemas, os quais sancionam uma variedade de microconstruções que, por sua vez, instanciam uma grande quantidade de construtos.

A composicionalidade diz respeito ao âmbito em que o elo entre forma e significado é transparente. De um ponto de vista construcional, a composicionalidade é considerada em termos da convergência ou não entre aspectos da forma e aspectos do significado. A convergência tem lugar quando o falante produz, do ponto de vista sintático, uma sequência e o interlocutor, ao compreender o significado de cada item em particular, depreende o significado do todo. Por sua vez, a divergência ocorre quando não há correspondência entre a soma do significado de cada item particular e o significado do todo. Nesse caso, a divergência está relacionada à ausência de alinhamento entre as expectativas do falante e do interlocutor no momento da interação. Em muitas circunstâncias, a mudança linguística resulta em redução da composicionalidade, especialmente no nível microconstrucional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Exemplificando com a construção transitiva prototípica, como instanciada em (1), é possível afirmar que ela é composicional visto que o significado da oração corresponde à soma dos significados dos elementos que a compõem.

- (1) ... aí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele... né... que foi que eu fiz... **joguei a chave no lixo...** e saí feito uma louca... na escola... procurando o diretor... (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 51).

TRATAMENTO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

No âmbito dos modelos baseados no uso, a mudança linguística tem sido tradicionalmente tratada com base na teoria da gramaticalização. A GC, por outro lado, em suas primeiras vertentes, interessou-se apenas pela descrição sincrônica do conhecimento linguístico, representado por redes construcionais. Nessa direção, a GC não pode ser considerada uma perspectiva teórica voltada para a diacronia, conforme se vê nos trabalhos de Goldberg, Croft, Langacker, entre outros.

Na tentativa de relacionar a gramaticalização à GC, Noël (2007) indaga se a primeira poderia integrar-se à segunda, chegando à conclusão de que esses modelos não devem ser conjugados dado que nem todas as construções se gramaticalizam. Além disso, uma vez que a GC compreende construções lexicais e

construções gramaticais, Noël destaca que a gramaticalização não é um tema desse modelo, visto que ela é definida como uma mudança de elementos do léxico para a gramática. Propõe, então, um enquadre teórico denominado Gramática de Construções Diacrônica, justificando que pouco linguistas históricos adotam a GC em suas pesquisas (FURTADO DA CUNHA; SILVA, no prelo).

Interessados em incluir o tratamento da mudança linguística no escopo da GC, Traugott e Trousdale (2013) trazem importante contribuição para a abordagem sistemática de processos de emergência e mudança de construções nas línguas em geral. Distinguem dois tipos de processos: mudança construcional e construcionalização, aplicados tanto a construções lexicais quanto a construções gramaticais.

A mudança construcional afeta uma dimensão interna da construção, seja ela no polo da forma (fonológica, morfológica e/ou sintática) ou no da função (semântica, pragmática e/ou discursiva), mas não resulta em nova construção, não alterando, portanto, a arquitetura da rede. A construcionalização, por sua vez, consiste na criação de um novo pareamento de forma e função, isto é, de uma nova construção, resultando em um novo nó na rede. Segundo os autores, esse processo envolve mudanças no grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade e resulta sempre da sucessão de micropassos, o que implica gradualidade. Ainda segundo esses autores, a construcionalização gramatical ocorre de forma gradual, enquanto a lexical se dá instantaneamente. Assim, embora não seja afirmado por Traugott e Trousdale (2013), parece adequado associar a mudança construcional à variação e a construcionalização à mudança linguística.

Exemplos desses dois tipos de mudança podem ser vistos em (2) e (3).

(2) ... aí toda vez que eles lançam um produto americano aqui... todo mundo fica **naquela** ansiedade... (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 35)

(3) “Quando o imóvel certo e a estabilidade do negócio se juntarem, **vou pensar** em comprar.” (Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 8 abr. 2019)

O uso de *(n)aquela*, em (2), representa um caso de mudança construcional, uma vez que a forma é mesma do pronome demonstrativo, mas é utilizada com outra função: o elemento intensifica o substantivo *ansiedade*. Trata-se de uma instanciação do que Silva (2018) chama *construção de dêixis mostrativa distal* (CDD) do tipo intensificadora.

Em (3), a ocorrência do verbo *ir* exemplifica um caso de construcionalização, pois implica mudança tanto na forma quanto na função. De verbo pleno, com sentido de movimento no espaço físico, *ir* passa a auxiliar, com perda de significado lexical e ganho de significado gramatical, indicando tempo futuro.

Vale ressaltar que, nesses dois tipos de mudança linguística, atuam, simultaneamente, processos cognitivos e interacionais, dentre os quais destacamos

categorização, *chunking*, armazenamento de informação na memória⁷ e analogia, e inferenciação pragmática e extensão semântica, respectivamente.



A categorização é um processo cognitivo básico (LAKOFF, 1987) que implica agrupar entidades (objetos, ideias, ações etc.) por afinidade, similitude. Entendemos o mundo não apenas em termos de coisas individuais, mas também em termos de categorias de coisas. E isso se dá também no domínio linguístico: a categorização diz respeito à semelhança ou identidade que ocorre quando palavras e sintagmas e suas partes componentes são reconhecidas e associadas a representações armazenadas (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Esse processo cognitivo pode atuar na mudança linguística no sentido de propiciar que elementos mais marginais de uma categoria possam migrar para outra categoria (ou funcionar como membro de outra categoria), como acontece, por exemplo, com o elemento *já* nas ocorrências (4) e (5), em que, de advérbio de tempo passa a operador argumentativo de contraste, respectivamente.

(4) Segundo o Centro de Gerenciamento de Emergências (CGE), a capital paulista **já** saiu do estado de atenção e há quatro pontos de alagamento ativos, sendo três. (Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em: 20 abr. 2019)

(5) Os trabalhadores mais pobres esperaram em média seis anos a mais para se aposentar e só receberam metade do benefício dos demais trabalhadores em 2018. Segundo dados fornecidos pela Secretaria de Previdência a pedido do *Estadão/Broadcast*, quem solicitou ao INSS aposentadoria por tempo de contribuição no ano passado tinha em média 54,6 anos e ganhou cerca de R\$ 1.984,75. **Já** os segurados que solicitaram o benefício por idade tinham em média 61 anos e só receberam R\$ 969,08. (Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/>. Acesso em: 12 abr. 2019)

Chunking é um processo cognitivo de domínio geral responsável pela formação de estruturas mais complexas a partir de sequências de elementos que frequentemente coocorrem. Sequências repetidas são conceptualizadas como um bloco (*chunk*) em termos cognitivos, de modo que a sequência pode ser tomada como uma única unidade tanto do ponto de vista da produção quanto do processamento (BYBEE, 2010). É o que acontece, por exemplo, com as construções *água mole em pedra dura tanto bate até que fura*, *marcar consulta*, *bom senso*, *efeito colateral*, *pré-fabricado* (FURTADO DA CUNHA; SILVA; BISPO, 2016). Significa dizer que, embora extensa, uma cadeia de palavras pode ser produzida e processada mais facilmente se essas palavras podem ser acessadas em conjunto, devido à frequência de uso.

O *armazenamento de informação na memória* se relaciona à ideia de que o conhecimento linguístico do falante é armazenado por meio de representações de feixes de exemplares (de uma dada categoria). Essas representações decorrem da experiência linguística do falante e, potencialmente, contêm toda a informação experienciada por ele em situação comunicativa, incluindo aspectos fonético-

fonológicos, morfossintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos. Em outras palavras, as circunstâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua. As representações por um feixe de exemplares resultam do uso frequente, ao mesmo tempo em que permitem, na sincronia, a gradiência de estruturas e, na diacronia, a gradualidade da mudança.

Analogia é o processo pelo qual enunciados novos são criados com base em outros previamente experienciados. Ocorre quando comparações exibem alto grau de similaridade relacional embora os elementos comparados tenham poucos atributos em comum. O pensamento analógico está implicado em vários processos cognitivos, como categorização, transferência entre domínios (metáfora) e mapeamento dentro de um mesmo domínio conceitual (metonímia). O trecho a seguir, extraído de Furtado da Cunha e Bispo (2013), ilustra a atuação do processo de analogia.

(6) O sexo do diploma

As mulheres agora sairão da escola com o grau ou profissão correspondente ao sexo registrado no diploma: doutora, engenheira, mestra, bacharela... (Língua portuguesa, n. 80, jun. 2012, p. 30).

Conforme interpretam os autores, para chegar à leitura pretendida da expressão *sexo do diploma*, o leitor necessita acessar seu conhecimento gramatical acerca de gênero e seu conhecimento de mundo sobre as profissões e, em particular, as designações utilizadas para funções/títulos assumidos por mulheres. Em seguida, é estabelecida a relação de similaridade entre esses domínios, mapeando os aspectos compartilhados por eles. Daí ser possível atribuir sexo a um elemento inanimado.

Quanto aos processos comunicativos, a *inferenciação pragmática*, ou *inferência sugerida*, diz respeito ao processo intersubjetivo em que o falante, ao utilizar uma dada expressão linguística, conta com a colaboração do ouvinte para apreender o significado pretendido (BISPO; SILVA, 2017). É o que se pode ver no trecho em (7), em que o verbo *querer* apresenta valor aspectual proximativo, indicando que o evento expresso pelo verbo principal está prestes a começar ou que já dá sinais de que vai ocorrer.

(7) e emocionante homenagem! Quase não consegui ler, meus olhos encheram-se de lágrimas **querendo cair**. O tempo não representa nada quando a saudade mora dentro da gente (Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em: 15 abr. 2019)

Nesse fragmento, é possível observar que o verbo *querer* não pode ser interpretado com seu sentido volitivo normal, dado que o sujeito *lágrimas* é inanimado e, portanto, não intencional. No entanto, o leitor apreende o valor aspectual de *querer*, identificando o significado da oração *lágrimas querendo cair*

(choro iminente), tendo em vista tanto as pistas contextuais quanto a negociação entre os parceiros da interação.

Essa amostra ilustra também a atuação do processo de extensão semântica, por meio do qual um elemento expande sua acepção original, ampliando seu campo de significação. No caso em questão, o contexto funciona como gatilho para a nova interpretação do verbo *querer* como marcador de aspecto.

APLICAÇÃO DO MODELO À GRAMÁTICA DO PB

Nesta seção, exemplificamos a aplicação do modelo construcional a três fenômenos do português do Brasil, focalizando a mudança na construção ditransitiva, a mudança construcional e a construcionalização em estruturas do tipo *na hora (em) que + oração* e a mudança construcional de *super*.

Em sua pesquisa sobre a trajetória histórica da construção ditransitiva (CD), Furtado da Cunha (no prelo) examinou instanciações dessa construção nos séculos XVIII e XX. Partindo da hipótese de que o sentido central da CD – conceitualização de um típico evento de transferência – é estendido e adaptado para a codificação de outros tipos de situação, a autora investigou se houve mudança com relação aos verbos que instanciam a CD no português nessas duas fatias de tempo. A análise empreendida revela que não houve mudança na semântica dessa construção, visto que não foram registrados, nos *corpora* investigados, casos de perda, redução e/ou expansão na configuração dos subesquemas e das microconstruções da CD. Assim, foram constatados quatro subesquemas: o subesquema 1 corresponde ao sentido central de transferência concreta da CD, o subesquema 2 se relaciona ao grau de êxito da transferência, o subesquema 3 envolve a ação do agente para que a transferência ocorra em algum ponto no futuro, e o subesquema 4 diz respeito à intenção do agente de que a transferência se realize. Esses subesquemas sancionam 4 microconstruções, com os verbos do tipo de *dar, oferecer, deixar e fazer*, respectivamente.

As mesmas extensões de sentido flagradas na sincronia do século XX foram também constatadas nas amostras do século XVIII, como nos fragmentos seguintes, em que as orações ditransitivas implicam que algumas condições devem ser satisfeitas para que o recipiente (*me e lhes*, respectivamente) receba o paciente (*um trabalho e sua pobre choupana*, nessa ordem) oferecido pelo agente (\emptyset (=eles) e *a graciosa pastora*, respectivamente). A transferência só se completa se o recipiente aceitar o oferecimento.

- (8) ... poxa ... **me ofereceram um trabalho**... foi uma coisa que:... por incrível que pareça... eu nem procurei assim... né?... (*Corpus D&G/Rio de Janeiro*, língua falada).
- (9) A graciosa pastora, que com o romper da manha saía a apascentar o seu rebanho, chegou ali a cumprimentá-las, e com galanteria **lhes ofereceu sua**

pobre choupana, para que se demorassem todo o tempo que quizessem. (Aventuras de Diófanos, 1752).

Nas ocorrências do século XVIII, contudo, foi observada maior variedade de configurações do que nas do século XX, em que o objeto indireto/recipiente, quando antecede o objeto direto/paciente, é predominantemente codificado como um pronome (8-9) e, quando segue o objeto direto, é codificado como Sintagma Preposicionado, como em (10-11).

(10) Chegando na escola, a professora começou a **dar a prova para todos**. (*Corpus D&G/Rio de Janeiro, língua falada*).

(11) [...] pois, tanto que **dei esta explicação a alguns**, e mostrei o vício da linguagem, pronunciaram melhor que os outros. (Verdadeiro Método de Estudar, 1781)

Outro achado da pesquisa diz respeito aos diversos padrões estruturais com o verbo *dar* encontrados nos *corpora* diacrônicos, o que indica que a ordenação dos argumentos do verbo no século XVIII não era fixa. Se na sincronia do século XX foram observadas alternâncias na posição pré e pós-verbal do OI em relação ao OD, no século XVIII foram constatadas diversas ordenações, tais como: (i) OI pré-verbal e OD pós-verbal (41%); (ii) OD antes de OI, ambos pré-verbais (23%); (iii) OD antes de OI, ambos pós-verbais (16%); (iv) OI antes do OD, ambos pós-verbais (12%) e (v) OD pré-verbal e OI pós-verbal (8%). Diante desses fatos, a autora conclui que houve mudança construcional na ordenação e na codificação dos argumentos do verbo da CD quando se comparam dados das duas sincronias. Em outras palavras, a estrutura S V OI OD se convencionalizou, com a possibilidade de que o OD anteceda o OI, em menor proporção.

Assentados em pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso e em contribuições da GC, Bispo e Moreira (2017) discutem usos de estruturas temporais do tipo *no/a tempo/momento/dia/hora/ ocasião (em) que* em textos do PHPB⁸, séculos XIX e XX, e do *D&G*⁹, seções Natal e Rio de Janeiro, século XX. Seus achados mostram que essas estruturas realizam uma construção de valor temporal representada por [SP_{TEMP} + (EM) + QUE + O], a qual licencia dois padrões subesquemáticos, distintos pela presença ou não de *em* antes do *que*: [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] e [SP_{TEMP} + QUE + O], ilustrados a seguir.

(12) **Num dia em que não tive aula**, eu acordei cedo e fui/ ao banheiro, para escovar os dentes. Entretanto, já no banheiro,/ saiu debaixo do cesto de roupas, uma grande aranha, marrom, horrorosa!... (*Corpus D&G/ Rio de Janeiro, língua escrita*)

- (13) ... aí eu... caí na asneira... de falar assim “pô... esse cara é o maior...” pensei mil coisas... né? aí **na hora que eu descí do carro...** para olhar... aí eu fui ver era a minha irmã... (*Corpus D&G/Rio de Janeiro, língua falada*)

Segundo os autores, esses subesquemas sancionam diferentes microconstruções de acordo com a preposição e com o núcleo nominal presentes no *slot* SP_{TEMP}. Verificaram a frequência de uso dos subesquemas [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] e [SP_{TEMP} + QUE + O] nas duas sincronias, a relação entre eles, além do processo de mudança linguística implicado nessa relação. Nessa direção, a pesquisa revelou a convivência entre as formas subesquemáticas da construção temporal sob estudo ao longo dos séculos XIX e XX nos textos do PHPB, assim como na sincronia representada pelos textos do D&G, de modo que é possível falar em formas em competição.

Considerando os dois subesquemas referidos, parece haver mudança construcional, uma vez que ocorrem alterações na forma (ausência da preposição *em* e ressegmentação das fronteiras sintagmáticas entre SP_{TEMP} e *que*), mas o sentido (função semântico-pragmática) da construção se mantém, no caso, o de localizar no tempo um evento ou estado de coisas. Contudo, levando em conta construções de extensão menor dentro da construção em análise, particularmente [SP_{TEMP}], [EM QUE] e [O], foi possível identificar, na passagem de [SP_{TEMP} + EM + QUE + O] para [SP_{TEMP} + QUE + O], dois casos de construcionalização: um envolvendo o surgimento de um elemento de conexão oracional [SP_{TEMP} + QUE]/ (*na hora que*, em (13)); outro resultante da passagem de uma oração [O] adjetiva restritiva (*que eu descí do carro*, em (13)) para uma hipotática temporal (*na hora que eu descí do carro*, também em (13)).

Em seu trabalho sobre a intensificação de verbos com *super*, Silva (no prelo) defende que esse recente modo de intensificação do verbo no PB revela um caso de mudança construcional. Nesse sentido, destaca, primeiramente, que existem duas microconstruções distintas de intensificação do verbo com *super*: uma proveniente da formação lexical de um verbo com o prefixo *super*, que tem como paradigma o padrão [[Pref_{Intens}] [V_{Base}]], a exemplo de *superlotar*, *superfaturar* e *superestimar*, e outra que tem como referência o modelo [[Adv_{Intens}] [V_{Base}]], como na amostra abaixo:

- (14) Lugar perfeito! **Super quero voltar!** (Disponível em: <<http://www.booking.com/reviews/br/hotel/mata-atlantica-park/review/67dbe64bae96959f.pt-br.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017)

Essas microconstruções vinculam-se ao subesquema [[X_{Intens}] [V_{Base}]], o qual, por sua vez, é uma instanciação do esquema genérico [[X_{Grau}] [Y_{Base}]]. Sob tal perspectiva, o autor afirma que ambas as microconstruções intensivas são esquemáticas, uma vez que, nas instanciações verbais com *super*, está pressuposto/implicado um modelo paradigmático de formulação da ideia de grau entre uma forma intensificadora e outra intensificada.

Na microconstrução inovadora (ilustrada em (14)), a alteração se mostra na configuração formal, com preservação do conteúdo semântico. Todavia, coerente com o princípio da não-sinonímia, formulado por Goldberg (1995), conquanto haja permanência do significado intensivo na nova forma verbal modificada por *super_{Adv}*, seu uso parece restringir-se a contextos mais relacionados à informalidade e à (inter)subjetividade discursivas, os quais são marcados pelo baixo monitoramento do locutor e, por isso, mais próximos da oralidade. Sendo assim, além de especificidades morfossintáticas, essa microconstrução também difere de seu "par" com *super_{Pref}* no âmbito pragmático.

No tocante aos fatores subjacentes à emergência da microconstrução $[[Adv_{Intens}] [V_{Base}]]$, Silva argumenta que esse fenômeno envolve motivações cognitivas e sociodiscursivas. Entre esses fatores, aponta os mecanismos de analogização e de generalização, na linha de Traugott (2008), de Bybee (2010) e de Fischer (2011). O primeiro tem a ver com a reprodução de um modelo em um domínio funcional, a partir do estabelecimento de determinadas associações, em razão da existência de alguma similaridade de forma ou de função entre construções. A eficiência desse modelo leva à incorporação de novas categorias, ou expansão da classe hospedeira, conforme Himmelmann (2004). Nesse viés, o fato de já haver algumas categorias intensificadas por *super_{Adv}*, com certa frequência de uso em contextos mais distensos/informais, pode ser apontado como atrator para a entrada de verbos nesse modelo, o que sinaliza a generalização desse paradigma. A esses mecanismos o autor acrescenta o processo de inferenciação pragmática estabelecido entre os parceiros da interação, o qual, para Traugott e Dasher (2002) e Bybee (2010), entre outros, desempenha papel crucial na inovação/mudança linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de focalizar o tratamento da mudança linguística sob o viés construcionista, fizemos um percurso que contemplou desde a origem da GC até a aplicação desse paradigma analítico a fenômenos do PB.

Traçamos, inicialmente, um curto histórico da Gramática de Construções, recuperando os primeiros trabalhos produzidos nessa linha. Resenhamos, em seguida, os principais modelos desse paradigma teórico, apontando convergências e particularidades entre eles. Discutimos, então, a organização hierárquica da língua em esquemas, subesquemas, microconstruções e construtos e apresentamos as propriedades das construções (esquematicidade, produtividade e composicionalidade). Abordamos, posteriormente, a atuação de alguns processos cognitivos (categorização, *chunking*, analogia e armazenamento de informação na memória) e interacionais (inferenciação pragmática e extensão semântica) na mudança linguística. Por fim e mais importante, exemplificamos a aplicação desse paradigma a fatos linguísticos do PB, abrangendo tanto a mudança construcional quanto a construcionalização.

A variação e a mudança constituem parte da natureza essencial das línguas naturais, revelando seu caráter dinâmico. Nessa direção, as línguas são sensíveis a diferenças comportamentais dos falantes, exibindo, por um lado, formas variáveis, em função de características individuais, sociais e regionais, entre outras, e, por outro lado, mudanças que se manifestam no uso a que servem ao longo do tempo.

Notas

¹ Dedicamos este artigo ao querido amigo Mário Martelotta, apaixonado estudioso da mudança linguística.

² Para um aprofundamento sobre a história do movimento construcionista, ver Pinheiro e Alonso (2018).

³ Optamos pelo termo função a significado, entendendo o primeiro como equivalente ao segundo, nos termos de Croft (2001). Para esse autor, função/significado compreende propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Eventualmente, porém, por conveniência, utilizamos o termo significado.

⁴ Para uma discussão sobre a natureza arbitrária da construção, ver Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016).

⁵ Em Saussure, a ideia de sistema está apoiada na de valor e de oposição entre os signos, aspectos que não são considerados pelos construcionistas. Esse ponto não será aprofundado aqui.

⁶ Elaborado por Furtado da Cunha e Silva (2018).

⁷ Termo usado por Martelotta (2011) para referir-se ao que Bybee (2010) denomina *rich memory*.

⁸ Projeto História do Português Brasileiro (<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>).

⁹ *Corpus* Discurso & Gramática (<http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/>).

Referências

BISPO, Edvaldo B.; MOREIRA, Beatriz L. Mudança construcional e construcionalização em estruturas do tipo “na hora (em) que + oração”. **Odisséia**, v. Especial, p. 144-163, 2017.

BISPO, Edvaldo B.; SILVA, José R. Análise linguística em perspectiva funcional: o caso de modificadores nominais. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). **Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes**. Niterói/RJ: EDUFF, 2017, p. 91-112.

BOAS, Hans C.; SAG, Ivan A. (Eds.). **Sign-Based Construction Grammar**. Stanford, CA: CSLI Publications, 2012.

BYBEE, Joan L. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; RICHARD, Richard D. (Eds.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

BYBEE, Joan L. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 2011.

_____. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CROFT, William. **Explaining language change: an evolutionary approach**. Harlow: Pearson Education, 2000.

_____. **Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____. Logical and typological arguments for radical construction grammar. In: ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam. (Eds.). **Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension**. Amsterdam: Benjamins, 2005, p. 273-314.

_____. Construction grammar. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Eds.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007, p. 463-508.

_____. Radical Construction Grammar. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. (Eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013, p. 211-232.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DIESSEL, Holger. Usage-based construction Grammar. In: DABROWSKA, Ewa; DIVJAK, Dagmar. (Eds.). **Handbook of cognitive linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015, p. 296-321.

FILLMORE, Charles J. The case for case. In: BACH, Emmon; HARMS, Robert T. (Eds.) **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968, p. 1-88.

_____. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. **Proceedings of the 11th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society**, p. 73-86, 1985.

_____. The mechanisms of "Construction Grammar". **Proceedings of the 14th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society**, p. 35-55, 1988.

_____. Berkeley Construction Grammar. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (Eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013, p. 111-132.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul. **Berkeley Construction Grammar**. Stanford, CA: CSLI Publications, 1997.

FILLMORE, Charles. J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions. **Language** 64, p. 501-538, 1988.

FISCHER, Olga. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 31-42.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). **Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.

____. **Banco Conversacional de Natal**. Natal: EDUFRN, 2011.

____. Manifestações da construção ditransitiva em duas sincronias. In: MATOS, Denilson (Org.). **Uso e ensino de língua: estudos do/no Grupo de pesquisas TLB**, no prelo.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista do GELNE**, v. 15, n. 1/2, p. 49-75, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo B.; SILVA, José R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Orgs.). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013, p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José R.; BISPO, Edvaldo B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista Linguística**, vol. Especial, p. 55-67, 2016.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José R. Transitividade: do verbo à construção. **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 48-64, 2018.

____. A mudança linguística sob a ótica da Linguística Funcional. **LaborHistórico**, no prelo.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: An Introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

____. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences** 7, p. 219-224, 2003.

____. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

____. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (Eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013, p. 15-31.

HIMMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus P.; WIEMER, Björn (Eds.). **What makes grammaticalization?: a look from its fringes and its components**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

HILPERT, Martin. *Corpus-based approaches to constructional change*. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (Eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013, p. 458-475.

HILPERT, Martin. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, Paul J. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society** 13, p. 139-157, 1987.

KAY, Paul. The kind of / sort of construction. **Proceedings of the 10th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society**, p. 157-171, 1984.

KAY, Paul; FILLMORE, Charles J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The What's X doing Y? construction. **Language** 75, p. 1-34, 1999.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things** – What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. v. 1. Stanford: SUP, 1987.

_____. **Foundations of cognitive grammar**. v. 2: descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

_____. A dynamic usage-based model. BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (Eds.). **Usage based models of language**. Stanford, CA: CSLI, 2000, p. 1-63.

_____. Construction Grammars: cognitive, radical, and less so. In: IBÁÑEZ, Francisco J. Ruiz de Mendoza; CERVEL, M. Sandra Peña (Eds.). **Cognitive Linguistics: internal dynamics and interdisciplinary interaction**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005, p. 101-159.

_____. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

_____. **Investigations in Cognitive Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MICHAELIS, Laura A. Sign-Based Construction Grammar. HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (Eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013, p. 133-152.

NOËL, Dirk. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. **Functions of Language**, v. 14, n. 2, p. 177-202, 2007.

PINHEIRO, Diogo; ALONSO, Karen Sampaio B. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 6-29, 2018.

REISBERG, Daniel. **Cognition**: Exploring the Science of the mind. New York: Norton, 1997.

SAG, Ivan A. 2012. Sign-based construction grammar: an informal synopsis. BOAS, Hans C.; SAG, Ivan A. (Eds.). **Sign-Based Construction Grammar**. Stanford, CA: CSLI Publications, 2012, p. 69-202.

SAG, Ivan A.; BOAS, Hans C.; KAY, Paul. Introducing sign-based construction grammar. BOAS, Hans C.; SAG, Ivan A. (Eds.). **Sign-Based Construction Grammar**. Stanford, CA: CSLI Publications, 2012, p. 1-29.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970 [1916].

SILVA, José R. (Inter)Subjetividade e extensão semântica em construções com "aquele". In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo B.; SILVA, José R. (Orgs.). **Variação e mudança em perspectiva construcional**. Natal/RN: EdUFRN, 2018, p. 167-209.

_____. Intensificação do verbo e mudança construcional. **SoLetras**, no prelo.

TOMASELLO, Michael. **Constructing language: a usage-based theory of language acquisition**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth C. "All that he endeavoured to prove was...": on the emergence of grammatical constructions in dialogical and dialogic contexts. In: COOPER, Robin; KEMPSON, Ruth. (Eds.). **Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution**. London: Kings College Publications, 2008, p. p. 143-177.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; DASHER, Richard B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional change**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VOTRE, S. J.; OLIVEIRA, M. R. de. **Corpus Discurso & Gramática** – a língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro. UFRJ, 1995. Impresso.

Para citar este artigo

CUNHA, M. A. F., BISPO, E. B. Abordagem construcional da mudança linguística. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 8., n. 2., 2019, p. 87-108.

Os Autores

Maria Angélica Furtado da Cunha é Professora Titular de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Visitante da UFPB. Possui doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (1978) e bacharelado e licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975/6).

Edvaldo Balduino Bispo é professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Possui Mestrado (2003) e Doutorado (2009) em Estudos da Linguagem pela mesma instituição